Laura Bellini



Todos os caminhos levam à sua cozinha

Uma mesa compartilhada é um começo, não uma promessa de sacrifício

Todos os caminhos levam à sua cozinha

Uma mesa compartilhada é um começo, não uma promessa de sacrifício

Laura Bellini

ROMANS

ISBN: 9788384902790

ALL-IN Rafał Płonkowski



ÍNDICE

INTRO 4
Capítulo 1 - Receitas para a vida dos outros 13
Capítulo 2 - Um lugar à mesa 26
Capítulo 3 - Quando a luz se apaga 39
Capítulo 4 - Entre aquilo que permanece.....51
Capítulo 5 - O direito de dizer não 63
Capítulo 6 - O sabor do primeiro beijo 75
Capítulo 7 - Entre o beijo e a verdade 89
Capítulo 8 - Onde todos conhecem seu nome.....102
Capítulo 9 - Aquilo que não pode ser recriado..... 116
Capítulo 10 - Fique porque você quer 129
Capítulo 11 - Uma manhã sem promessas.....142
Capítulo 12 - O preço de ficar.....155
Capítulo 13 - Nem tudo está à venda 168
Capítulo 14 - Uma verdade dividida entre dois 180
Capítulo 15 - O preço da esperança 191
Capítulo 16 - Caminhos separados..... 203
Capítulo 17 - Aquilo que me pertence 216
Capítulo 18 - Sem pagar um preço para ficar..... 227
Capítulo 19 - Aquilo que realmente permanece 239
Capítulo 20 - Todos os caminhos levam à sua cozinha.... 250

INTRO

A primeira coisa que vi ao chegar foi um homem carregando uma mesa de cozinha para fora de casa.

Não foram as malas, nem o sol de outono espalhado pelos campos de Podláquia, nem sequer o pomar de macieiras que me fizera parar o carro um quilômetro antes. Foi a mesa. Enorme, de carvalho, com o tampo desgastado por anos de refeições e quatro pernas que, aparentemente, não tinham a menor intenção de colaborar com seu dono.

O homem soltou um palavrão baixinho quando uma delas ficou presa no batente da porta.

— Talvez o senhor possa tentar virá-la de lado — sugeri pela janela aberta.

Ele parou e olhou para mim por cima da borda do tampo. Tinha cabelos escuros, uma barba de alguns dias e a expressão de alguém a quem acabavam de oferecer uma solução extraordinariamente óbvia para um problema extraordinariamente complicado.

— Assim ela não passa pela porta.

— E se o senhor tirar as pernas primeiro?

— Aí ela deixa de ser uma mesa.

Não soube dizer se estava brincando.

Desliguei o motor e saí do carro, ajeitando a alça da bolsa com meu equipamento fotográfico. O ar tinha cheiro de terra úmida, fumaça de uma chaminé distante e maçãs que caíam das árvores mais depressa do que alguém conseguia recolhê-las. Era o fim de setembro, e eu havia chegado a Podláquia com um cronograma rigorosamente organizado,

duas câmeras e a determinação de não permitir, daquela vez, que a vida de outra pessoa engolisse a minha.

— Malwina Czerwińska — apresentei-me. — Tenho um encontro marcado com o senhor Jar.

O homem baixou cuidadosamente a mesa até o chão.

— Witold Jar.

É claro.

Na minha imaginação, o proprietário da hospedagem rural que havia trocado mensagens objetivas comigo durante três semanas era um senhor de cabelos grisalhos, vestido com um suéter e cheirando a madeira e chá. Em vez disso, diante de mim estava um homem de trinta e poucos anos, usando uma camisa de linho com as mangas arregaçadas e os antebraços cobertos por uma fina camada de poeira. Tinha uma voz grave e agradável e aquela tranquilidade irritante que fazia até o silêncio soar como uma resposta.

— A senhora chegou mais cedo.

— Onze minutos.

— Isso é pouco para a senhora?

— Para alguém que trabalha seguindo um cronograma, onze minutos são um presente.

Ele olhou para meu carro, depois para o relógio.

— Nesse caso, vou aproveitar o presente para levar a mesa de volta para dentro.

— Mas o senhor estava tirando a mesa de casa agora mesmo.

— Mudei de ideia.

Ele sorriu, quase imperceptivelmente. Aquilo não deveria ter despertado meu interesse. Afinal, eu estava ali para

trabalhar, não para colecionar sorrisos de homens cujos sobrenomes desapareceriam da minha rotina dali a algumas semanas.

Eu tinha trinta anos, quatro livros de culinária publicados e experiência suficiente para saber que os favores profissionalmente mais caros costumavam ser aqueles prestados a pessoas de quem acabávamos gostando.

A editora havia me proposto um projeto de outono dedicado às receitas de Podláquia. Nada de folclore artificial, nada de guirlandas decorativas ou receitas inventadas para atender às necessidades de uma fotografia. Cozinhas de verdade, pessoas de verdade, pratos guardados na memória desde a infância e que ainda eram preparados, embora cada vez com menos frequência. Era um trabalho que eu desejava realizar havia muito tempo.

Depois de concluir a documentação, voltaria para Varsóvia, finalizaria o material e começaria as conversas sobre minha própria coleção de livros. A primeira em que ninguém decidiria por mim como minha carreira deveria ser conduzida.

Witold levantou um dos lados da mesa.

— Já que a senhora está aqui, posso pedir uma ajuda?

Eu deveria ter recusado. Estava com o porta-malas cheio de equipamentos e tinha uma reunião de organização dali a vinte minutos.

Em vez disso, coloquei minha bolsa no chão.

— Só não me diga que o sucesso do livro inteiro depende disso.

— Da mesa? — Ele me observou com uma expressão divertida. — Eu não descartaria essa possibilidade.

Segurei a outra extremidade.

A madeira era mais pesada do que eu imaginava. Precisamos combinar o ritmo, corrigir a direção e atravessar a porta praticamente de lado. Quando recuei depressa demais, Witold interrompeu o movimento antes que eu batesse o quadril no batente.

— Devagar. Estou segurando. Pode confiar.

Ele disse aquilo com naturalidade. Sem intimidade excessiva, sem qualquer teatralidade.

Mesmo assim, por uma fração de segundo, pensei em quanto tempo fazia desde que alguém me dizia algo assim sem esperar apresentar uma cobrança depois.

Entramos na cozinha.

Era bonita de um jeito que nenhum projeto de decoração conseguiria reproduzir. As janelas altas davam para o pomar, havia um fogão de azulejos junto à parede e panelas de cobre penduradas acima de uma bancada larga. Os últimos tomates amadureciam no parapeito da janela. Uma cesta de peras ocupava metade do aparador, enquanto uma panela borbulhava no fogão, espalhando um aroma de manteiga, cebola e manjerona.

De repente, todas as perguntas que eu havia preparado pareceram pequenas demais diante daquele lugar.

— Quem cozinha aqui? — perguntei.

— Hoje, eu.

— E normalmente?

— Depende. A senhora Helena, às vezes minha irmã, às vezes os hóspedes. Antigamente, minha mãe.

Ele pronunciou a última frase de outra maneira. Mais baixo, sem deixar espaço para perguntas adicionais.

Colocamos a mesa no centro da cozinha. Witold ainda a deslocou alguns centímetros, como se tentasse devolvê-la a um lugar que lhe havia sido destinado muitos anos antes.

Percebi marcas circulares deixadas por panelas quentes sobre o tampo. Perto de uma das bordas, alguém havia entalhado uma pequena estrela.

— O senhor pretendia jogar a mesa fora?

— Não. Estava verificando se ela passaria pela porta que leva à despensa.

— Para quê?

— Estou tirando as medidas.

Ele indicou com a cabeça alguns papéis sobre o aparador. Ao lado de um esboço dos cômodos, vi uma tabela de medidas, algumas fotografias das construções da propriedade e o cartão de uma imobiliária. Só então me lembrei de uma frase do primeiro e-mail que ele me enviara: A documentação deverá ser concluída antes da venda planejada da propriedade.

Na época, não havia pedido detalhes. Profissionalmente, bastava conhecer a data.

Agora, pela primeira vez, pensei que talvez existisse algo por trás daquele prazo além de uma simples mudança de proprietário.

Witold virou para baixo a fotografia que estava por cima das outras.

— Café? — ofereceu.

— Adoraria. Sem leite.

— Açúcar?

— Não.

— Ótimo. Pelo menos em uma questão temos regras claras.

Ele pegou duas canecas na prateleira. Observei como se movimentava pela cozinha, sem precisar procurar nada, sem hesitar diante das gavetas. Conhecia cada tábua daquele piso, cada armário que não fechava direito. No meu apartamento em Varsóvia, tudo tinha seu lugar porque eu mesma havia escolhido onde colocar cada coisa. Ali, os objetos pareciam ter permanecido depois de conversas que ninguém queria terminar.

Meu celular vibrou no bolso.

Era uma mensagem da minha editora, Iza.

Por favor, confirme a data do seu retorno. A reunião sobre sua coleção foi antecipada para o dia dezesseis de outubro. Você precisa comparecer pessoalmente.

Respondi imediatamente: Estarei lá. Sem alterações.

Witold colocou o café diante de mim.

— Está tudo bem?

— Sim. Só estou acertando alguns compromissos.

— A senhora já está planejando a partida?

Não pareceu uma crítica, mas percebi que, por um instante, ele observou a tela do meu celular.

— Sempre planejo minha partida antes mesmo de chegar a algum lugar.

— Deve ser bastante conveniente.

— É seguro.

Não sei por que respondi com tanta sinceridade.

Do lado de fora, os galhos farfalharam. Witold apoiou as mãos na borda da mesa e me observou com mais atenção. Não tentou mudar de assunto nem perguntou de onde vinha minha necessidade de segurança. Simplesmente aceitou a resposta, o que acabou sendo mais perturbador do que sua curiosidade teria sido.

— Nesse caso, ainda bem que pelo menos a cozinha continua no lugar — disse ele.

— Existe a possibilidade de não continuar?

— Ultimamente, muitas coisas têm mudado de lugar por aqui.

Ele me entregou um caderno fino, com capa de tecido. Na primeira página, uma caligrafia feminina registrava a receita de uma babka de batata. Nas páginas seguintes, havia anotações feitas com outra tinta, proporções riscadas e uma observação na margem: Witek gosta quando as bordas ficam bem douradas.

Passei o dedo pela escrita desbotada.

— Era da sua mãe?

Ele assentiu.

— Ela começou a reunir receitas antes que alguém imaginasse que seria possível publicá-las. Nem todas estão completas. Algumas precisam ser reconstruídas a partir das lembranças de outras pessoas.

— Foi exatamente por isso que vim.

Witold olhou para o caderno e depois para mim.

— Espero que consigamos a tempo.

Pela primeira vez, ouvi em sua voz algo que não combinava com a tranquilidade daquele anfitrião. Impaciência, talvez receio. Quis perguntar contra o que, exatamente, estávamos correndo, mas ele abriu o caderno em outra página e apontou para uma receita de peras cozidas em calda de especiarias.

— Vamos começar por esta amanhã. Hoje, a senhora deveria descansar da viagem.

— Não preciso descansar.

— Eu sei. Afinal, chegou onze minutos antes do horário.

Comecei a rir antes que conseguisse me conter.

Percebi que ele me olhava de um jeito diferente naquele momento. Como se minha risada tivesse revelado algo que não aparecia em nenhum e-mail nem no meu portfólio profissional.

Deixei o caderno sobre a mesa, mas não me levantei.

Lá fora, a luz do outono desaparecia lentamente por trás das árvores, enquanto a cozinha tinha cheiro de café, madeira aquecida e alguma coisa que ainda estava por ser preparada. Meu cronograma, meus prazos e todos os motivos sensatos para manter distância continuavam à minha espera.

Witold puxou uma cadeira para si, do outro lado da mesa.

— Talvez a senhora queira experimentar o que está na panela, afinal? — perguntou. — Antes de começarmos a conversar sobre trabalho.

Fiquei olhando para ele por alguns instantes, consciente de que deveria estabelecer um limite entre a gentileza de um anfitrião e minha própria tendência a criar laços com lugares dos quais, depois, se tornava difícil partir.

Ainda assim, tirei o casaco e o coloquei sobre o encosto da cadeira.

— Só uma porção pequena.

Witold sorriu e pegou um prato.

E eu, olhando para o lugar vazio à mesa dele, me fiz uma pergunta que não havia previsto em nenhum cronograma: por que eu já desejava tanto descobrir como seria uma noite comum naquela cozinha, se não precisasse ir embora?

Capítulo 1 - Receitas para a vida dos outros

Na manhã seguinte, acordei com o som da chuva batendo no parapeito da janela e o cheiro de pão fresco que chegava ao andar de cima pela porta entreaberta do quarto. Durante alguns segundos, não soube onde estava. As vigas de madeira no teto, a colcha bordada e a vista para o pomar molhado não lembravam em nada meu apartamento em Varsóvia. Só quando vi a câmera sobre a escrivaninha, ao lado do notebook, me lembrei de Podláquia, das três semanas de trabalho e do homem que, na noite anterior, havia me servido o jantar como se receber mulheres desconhecidas à própria mesa fosse a coisa mais natural do mundo.

Peguei o celular. Eram seis e quarenta. De acordo com meu cronograma, eu tinha uma hora para preparar o equipamento, revisar as anotações e tomar café da manhã com tranquilidade. Às nove, eu e a senhora Helena começaríamos a documentar as primeiras receitas. Witold ficaria responsável por fornecer os ingredientes, garantir o acesso à cozinha e fazer o contato com as cozinheiras da região. Tudo havia sido combinado por e-mail, e eu pretendia garantir que a realidade não diluísse as regras cuidadosamente estabelecidas.

Quinze minutos depois, recebi uma mensagem dele.

A senhora Helena chegará às onze. Às oito vamos buscar batatas. Café da manhã lá embaixo.

Li duas vezes.

Eu não era do tipo que ficava furiosa por causa de uma mudança de planos. Era do tipo que primeiro descobria quem havia alterado os planos e por quê, para só então decidir se a irritação era justificada.

Respondi: Não combinamos nenhuma saída às oito.

A resposta chegou quase imediatamente.

Estamos combinando agora.

Fechei os olhos.

Witold Jar aparentemente acreditava que ser dono de uma propriedade também lhe dava o direito de administrar o tempo dos hóspedes.

Desci para a cozinha às sete e trinta e cinco. Deliberadamente, sem pressa.

Witold estava diante do fogão, virando fatias grossas de pão em uma frigideira de ferro fundido. Usava calça escura, camiseta cinza e tinha os cabelos ainda úmidos do banho. Quando levantou os olhos, não demonstrou surpresa com minha chegada. Apenas indicou com a cabeça a jarra de café.

— Bom dia. Dormiu bem?

— Até receber um novo cronograma.

— Então dormiu bastante.

— Senhor Witold.

— Witold. Caso contrário, vou começar a achar que estou prestes a receber uma intimação.

Sentei-me à mesa, a mesma que o ajudara a transportar no dia anterior. Sobre o tampo havia uma tábua com queijo, uma tigela de tomates e um pote de mel. Tudo parecia tão apetitoso que fiquei ainda mais irritada.

— Combinamos começar com uma conversa com a senhora Helena — lembrei. — Depois, documentaríamos a babka de batata, fotografaríamos os ingredientes e registraríamos o preparo. Uma viagem para buscar batatas não consta no meu planejamento.

Witold retirou o pão da frigideira.

— Porque as batatas deveriam estar aqui. Choveu durante a noite. O vizinho não consegue entrar no campo com o trator, então só podemos buscar as que ele conseguiu colher ontem e deixou debaixo do galpão.

— Entendo. Nesse caso, por favor, vá buscá-las.

— Gostaria que a senhora viesse comigo.

— Por quê?

Ele colocou um prato diante de mim.

— Porque o livro não deve contar apenas o que chega ao prato.

Observei-o com mais atenção. Aquela não era a resposta de alguém que desconhecia o processo de produção de um livro. Era a resposta de alguém que tinha uma visão própria e pretendia colocá-la em prática.

— Sou eu quem responde pelo conceito da publicação — disse calmamente. — E pelo resultado final.

— Eu sei. Li seus livros.

Aquilo me surpreendeu o suficiente para me deixar em silêncio por um instante.

— Todos?

— Dois. Um sobre culinária sazonal e outro sobre receitas de família.

— E o que achou deles?

— No primeiro, a senhora dedicou pouco espaço às pessoas que cultivavam os vegetais.

Abaixei o garfo.

— Era um livro sobre culinária.

— Exatamente.

Ele parecia sinceramente convencido de que seu argumento deveria explicar tudo. Tive vontade de responder com alguma coisa especialmente cortante. O que me impediu foi a lembrança do segundo livro, que eu mesma considerara frio demais depois da publicação. Fotografias impecáveis, receitas testadas, textos equilibrados. Nenhum erro. E talvez justamente por isso, vida de menos.

— E o segundo? — perguntei.

Witold se apoiou na bancada.

— O segundo era melhor. A senhora contou a história de uma mulher que assou pãezinhos doces para os vizinhos durante trinta anos, embora ela própria não pudesse comer açúcar. Lembro que guardava em uma gaveta receitas escritas pelo marido.

Ele se lembrava de um detalhe que ocupava apenas algumas frases no livro.

— Ela se chamava Teresa — falei.

— Eu sei.

Ele não sorriu triunfante. Simplesmente colocou a segunda caneca sobre a mesa e se sentou diante de mim.

— Quero que as pessoas que saírem daqui com esse livro saibam de onde vieram as receitas. E quem ainda se lembra delas.

— Esse também é meu objetivo.

— Então temos um ponto em comum.

— Um. Os demais precisam ser discutidos.

Durante alguns instantes, nos observamos por cima das canecas fumegantes. Tive a impressão de que Witold estava acostumado a lidar com pessoas que cediam por causa do conhecimento que ele tinha daquele lugar. Eu não pretendia me juntar a elas. Ao mesmo tempo, era difícil ignorar que sua teimosia vinha acompanhada de um conhecimento sobre um universo que eu apenas começava a explorar.

— Tudo bem — disse ele. — Vamos conversar.

Peguei meu caderno.

— Primeiro, uma coisa. Você não pode mudar meu planejamento sem combinar comigo antes.

— E a senhora não pode presumir que as pessoas e o clima vão se adaptar aos horários escritos em uma tabela.

— Não presumo. É por isso que meu planejamento inclui uma margem de segurança.

— De quanto?

— Dois dias.

Ele olhou para a janela.

— Em Podláquia, durante o outono, dois dias de margem são mais uma demonstração de otimismo.

— E três semanas sem planejamento?

— Seria falta de bom senso.

Ri, apesar de mim mesma.

— Você sempre precisa ter a última palavra?

— Não. Às vezes, a penúltima já me basta.

Comi um pedaço de pão. Era crocante, levemente ácido e coberto por uma camada de manteiga com aroma de creme fresco. Não queria admitir que, mais uma vez, ele conseguira me desarmar com algo tão simples quanto comida. Nos últimos meses, meus cafés da manhã geralmente se resumiam a um iogurte consumido entre telefonemas para a editora. Ali, até uma refeição comum exigia que eu parasse e me sentasse à mesa.

— Vou buscar as batatas com você — decidi. — Com a condição de que, quando voltarmos, nos sentemos para definir um planejamento detalhado e você pare de tratar meus horários como meras sugestões.

— Combinado.

— E não interprete isso como autorização para outras surpresas.

— Vou tentar fazer com que as próximas sejam mais agradáveis.

Ele me lançou um olhar tão inocente que, por um segundo, me perguntei se estava flertando comigo. Concluí que era cedo demais para tirar conclusões desse tipo.

Seguimos em um velho utilitário cujo interior cheirava a couro, casaco molhado e madeira. A estrada atravessava campos onde a terra escura brilhava depois da chuva noturna. Witold dirigia com segurança, mantendo uma das mãos no volante e usando a outra para trocar as marchas de vez em quando. Não ligou o rádio. Quando perguntei o motivo, respondeu que o som do motor e aquilo que acontecia do lado de fora da janela já eram suficientes.

Durante os primeiros quilômetros, conversamos sobre variedades de batata, nomes regionais dos pratos e a sazonalidade dos ingredientes. Fiquei surpresa com o

quanto ele sabia sobre culinária, embora não se apresentasse como cozinheiro. Era capaz de explicar por que uma variedade funcionava melhor na babka e outra na kiszka ziemniaczana, a linguiça tradicional recheada com batata. Distinguia o sabor da manteiga produzida em diferentes propriedades e sabia onde ainda era possível comprar creme de leite realmente azedo.

— Como você sabe tudo isso? — perguntei.

— Cresci dentro da cozinha. Minha mãe cozinhava para os hóspedes, e meu pai dizia que alguém precisava garantir que nunca faltasse lenha para o fogão. Eu geralmente ficava mais perto das panelas.

— Então escolheu a parte mais agradável das tarefas.

— Na época, eu não achava nada agradável. Descascava batatas para vinte pessoas.

— Isso deveria ter sido suficiente para afastá-lo definitivamente da gastronomia.

— Mas não afastou.

Paramos diante de uma propriedade cercada por tílias antigas. Debaixo de um galpão de madeira havia caixas cheias de batatas. Um homem mais velho, usando botas de borracha, cumprimentou Witold com um aperto de mão firme e depois olhou para mim com curiosidade.

— É esta a moça do livro?

— Malwina Czerwińska — apresentei-me.

— Stanisław Kulesza. Mas todo mundo aqui me chama de Staszek. Witek disse que vocês vão registrar as receitas.

— Isso mesmo. Também gostaria de documentar a origem dos ingredientes, se o senhor permitir.

O homem ergueu as sobrancelhas.

— E para que alguém iria querer fotografias de batatas?

— Porque as pessoas que compram livros de culinária muitas vezes sabem mais sobre a aparência de um prato pronto do que sobre aquilo de que ele é feito.

Stanisław refletiu por um momento e apontou para o campo atrás das construções.

— Então venha ver de onde elas saem.

Durante a meia hora seguinte, fotografei batatas, conversei sobre o solo e anotei observações que não encontraria em nenhuma pesquisa na internet. Witold ajudava a carregar as caixas, mas não interferia na conversa. Só quando Stanisław começou a falar sobre uma variedade cultivada antigamente por seu pai, ele mencionou o nome de uma vizinha que talvez se lembrasse dos detalhes.

Foi a primeira vez que enxerguei claramente como poderíamos trabalhar juntos.

Ele não conduzia a conversa por mim. Abria portas para as quais eu não teria a chave.

No caminho de volta, fotografei a mão dele apoiada no volante. Witold percebeu o movimento da câmera.

— O que está fotografando?

— Um detalhe.

— Minhas mãos não fazem parte da receita.

— Ainda não decidi.

— Isso parece ameaçador.

— Para um homem que altera cronogramas por conta própria, deveria parecer.

Ele sorriu sem desviar os olhos da estrada.

A senhora Helena chegou alguns minutos depois das onze, trazendo uma cesta de cebolas e um pedaço de toucinho embrulhado em um pano de linho. Era uma mulher pequena, de cabelos grisalhos e um olhar que parecia colocar tudo ao redor imediatamente em ordem.

— Então é a senhora que vai escrever sobre nossa comida? — perguntou antes mesmo de tirar o casaco.

— Se permitir, pretendo principalmente ouvir.

Ela me observou com aprovação.

— Ótimo. Porque falar todo mundo sabe, mas ouvir já é outra história.

Começamos pela babka de batata. Posicionei a câmera, preparei a balança e abri meu caderno. A senhora Helena examinou o visor eletrônico como se estivesse diante de um aparelho de previsão do tempo.

— E para que serve isso?

— Para que os leitores possam reproduzir a receita.

— Eu coloco a quantidade de farinha que precisa.

— É justamente por isso que preciso descobrir quanto é essa quantidade.

Witold, que estava picando cebola, virou o rosto para esconder um sorriso.

— Nem uma palavra — avisei.

— Não disse nada.

— Seu silêncio está fazendo barulho suficiente.

A senhora Helena soltou uma gargalhada.

Durante as duas horas seguintes, a cozinha se transformou em um espaço cheio de conversas, aromas e pequenas discussões. Pesei os ingredientes, fotografei cada etapa e fiz perguntas sobre a temperatura do forno e a consistência da massa. Witold cuidava do fogão, trazia os utensílios necessários e lembrava à senhora Helena detalhes que ela considerava óbvios demais para mencionar.

Em determinado momento, ele tirou uma tigela de metal das minhas mãos antes que eu a colocasse sobre a bancada molhada.

— Aqui é desnivelado. Ela vai virar.

— Eu teria percebido.

— Provavelmente um segundo depois.

Não gostei de saber que ele tinha razão.

Quando a babka foi para o forno, a senhora Helena se sentou à mesa com uma xícara de chá. Conversamos sobre sua mãe, que cozinhava para os trabalhadores que voltavam dos campos, e sobre como poucas coisas nas receitas antigas podiam ser preparadas sem a ajuda de alguém próximo. Uma pessoa descascava, outra ralava, outra buscava lenha.

— Hoje todo mundo quer fazer tudo sozinho — comentou. — Depois fica surpreso por estar cansado.

Anotei a frase.

Witold olhou para meu caderno.

— Isso também vai entrar no livro?

— Talvez.

— Ótimo. Quem sabe alguém leve a sério.

— Pelo visto, você não tem dificuldade em aceitar ajuda.

— Tenho. Por isso sei do que ela está falando.

Ele respondeu sem sorrir.

Não tive tempo de perguntar mais nada, porque a senhora Helena nos chamou até o forno. Quando retiramos a babka, a superfície estava dourada, e as bordas, bem tostadas, exatamente como o pequeno Witek gostava, segundo o caderno da mãe. Witold cortou o primeiro pedaço para a senhora Helena, o segundo para mim e colocou o terceiro em seu próprio prato.

Durante alguns minutos, comemos quase em silêncio.

Depois, a senhora Helena foi embora levando uma parte da babka pronta, e fiquei à mesa com meu computador e um homem que estava prestes a descobrir que uma colaboração agradável não significava abrir mão das regras.

Abri o cronograma.

— Precisamos de acordos concretos. Nomes, datas, autorizações de publicação e uma lista de receitas. Não posso descobrir todas as manhãs o que faremos naquele dia.

Witold aproximou a cadeira.

— Tenho uma lista de trinta e quatro pratos.

— No contrato, definimos vinte e quatro.

— Eu sei. Mas gostaria que todos fossem incluídos.

— Isso é impossível com o prazo e o orçamento atuais.

— Podemos prolongar sua estadia.

— Não podemos.

Ele me observou atentamente.

— Por quê?

— Porque tenho outros compromissos. Este é um projeto específico, não o começo de uma colaboração sem prazo para terminar.

Passou um dedo pela borda da mesa.

— Entendo. Só que a propriedade será colocada à venda. Não sei se, daqui a um ano, ainda teremos a possibilidade de reconstruir essas histórias neste lugar.

— Nesse caso, é ainda mais importante fazer direito, em vez de tentar fazer tudo.

Ele não respondeu imediatamente.

— Gostaria de ter o direito de aprovar a parte que fala da minha família — disse por fim.

— Você pode verificar os fatos e decidir quais histórias particulares deseja compartilhar. Mas não pode interferir no texto inteiro conforme sua vontade.

— E se alguma coisa for apresentada de uma maneira que não me agrade?

— Vamos conversar. Não vou prometer uma alteração apenas porque você não gostar da verdade.

Ele ergueu os olhos.

Durante alguns segundos, permanecemos sentados um diante do outro, conscientes de que havíamos entrado em um território no qual nenhum dos dois pretendia ceder.

— Você é uma mulher difícil, Malwina.

Pela primeira vez, ele pronunciou meu nome sem a distância da formalidade.

— E você é um homem que acredita que tudo pode ser negociado se ficar sentado à mesa por tempo suficiente.

— Nem tudo.

A maneira como disse aquilo me deixou momentaneamente sem resposta.

Só fechei o computador depois de concordarmos que, no dia seguinte, prepararíamos uma lista conjunta de entrevistados e discutiríamos separadamente os materiais familiares. Eu sabia que nosso entendimento era frágil. Ainda não sabia se, por trás da teimosia dele, existia apego à história ou medo de alguma coisa que não queria nomear.

Ao sair da cozinha, reparei em um envelope com o logotipo de uma imobiliária sobre o aparador. Ao lado havia um orçamento para o conserto do telhado, parcialmente coberto pelo caderno de receitas.

Witold percebeu a direção do meu olhar e guardou os documentos em uma gaveta.

— Amanhã começamos às nove? — perguntou.

— Às nove. Em ponto.

— E se eu chegar onze minutos antes?

Virei-me para ele.

— Nesse caso, talvez ganhe um café.

Ele sorriu, e pela primeira vez naquele dia tive a sensação de estar deixando a cozinha mais cedo do que realmente queria.

Capítulo 2 - Um lugar à mesa

No dia seguinte, pouco antes das nove, encontrei Witold em um pequeno cômodo atrás da cozinha, onde prateleiras de madeira abrigavam potes de conservas, livros antigos e caixas cheias de fotografias. Sobre a mesa, ele havia aberto um mapa da região, alguns cadernos e folhas com nomes escritos. Ao lado, esperavam duas canecas de café, uma delas com café preto, exatamente como eu gostava.

Olhei para o relógio.

— São oito e cinquenta e um.

— Então correspondi às suas expectativas.

— Quais expectativas?

— Não me atrasei e não organizei nenhuma excursão sem autorização.

— O dia está apenas começando.

Ele sorriu e indicou uma cadeira.

O cômodo era pequeno, o que nos obrigava a ficar sentados perto um do outro. Eu sentia o aroma do café recém-passado e do sabonete que ele usava. As mangas arregaçadas da camisa revelavam pequenos arranhões em seu antebraço. Pensei que Witold não se encaixava em nada nas minhas ideias anteriores sobre o proprietário de uma hospedagem rural que apenas administrava funcionários e recebia reservas. Parecia alguém capaz de consertar o próprio telhado, preparar um jantar para vinte hóspedes e ainda encontrar tempo para lembrar como uma mulher que acabara de conhecer gostava do café.

Essa última característica era perigosamente agradável.

— Preparei a lista — disse ele. — Sem alterar seu cronograma.

Deslizou as folhas na minha direção.

Os nomes estavam escritos cuidadosamente. Ao lado de cada um havia o nome de um prato, um número de telefone e uma observação sobre a disponibilidade da pessoa. A senhora Helena concordara em reproduzir cinco receitas, um casal da aldeia vizinha poderia mostrar como fazia queijo, e uma senhora idosa que morava perto da igreja ortodoxa guardava um caderno com receitas de pratos preparados durante os períodos de jejum religioso.

— Isso deu bastante trabalho — observei.

— Queria nos poupar tempo.

— Nos poupar?

— Você veio até aqui para escrever, e não pretendo dificultar seu trabalho mais do que o necessário.

Olhei para ele por cima das folhas.

— Então nossa conversa de ontem deu resultado.

— Não se acostume tão depressa.

Ri e abri o notebook.

Durante a hora seguinte, organizamos o planejamento. Decidimos quais receitas exigiam fotografias ao ar livre, quais poderiam ser preparadas na cozinha da hospedagem e quais deveriam ser reproduzidas nas casas dos entrevistados. Também concordamos que cada pessoa que compartilhasse uma história familiar teria a oportunidade de ler o trecho referente a ela antes da publicação.

— Não quero que ninguém se sinta explorado — disse Witold.